

PAULO VINÍCIUS COELHO

Neymar e o Maraca

O estádio expôs outra vez como o país não é indiferente à seleção. O atacante entendeu isso

NEYMAR IMITOU Zagallo e disse que não quer de engoli-lo. É provável que sua ansiedade tenha pouco a ver com as críticas sobre os dois primeiros jogos. Mais a ver com a pergunta sobre seu comprometimento com a seleção, antes de a Olimpíada começar. Compromisso nunca lhe faltou e a pergunta certa pré-ouro era por que seus números diminuiram dos 23 para os 24 anos.

No torneio olímpico, Neymar foi um monstro. Porque foi mais do que Neymar. Não foi apenas o atacante, nem o finalizador brilhante, que chuta com o pé direito ou esquerdo indistintamente. Foi artista, mas também foi maestro.

Três vezes na final olímpica contra a Alemanha, Neymar colocou companheiros na cara do gol. Gabriel, Luan e Felipe Anderson deveriam ter feito 2 x 1 antes dos pênaltis.

No passado, a camisa 10 representava o ponta-de-lança, como Pelé e Zico, ou o meia-armador, como Ademir da Guia e Gérson, número 8 no Botafogo e na seleção, 10 no São Paulo bicampeão paulista em 1970 e 1971.

Neymar foi as duas coisas. Aproximou-se do ataque para

fazer gols e voltou ao meio-campo para construir, orientar, organizar. Foi ponta-de-lança e meia-armador.

Os números fritos dirão que Renato Augusto jogou mais na final contra a Alemanha. Deu mais passes certos e fez mais desarmes. A estatística explica muita coisa. Não tudo.

Neymar foi o cara e chutou o pênalti do título com o pé direito machucado.

É melhor que não seja o capitão. É o maior gênio, mas não é estrela solitária. A Olimpíada serviu para expor isso. Mas Gabriel, Gabriel Jesus, Luan, Renato Augusto demonstraram que a geração não tem um craque só. Talento existe. O ponto é como transformá-los em time.

Quem achou que o Brasil jogou mal contra a Alemanha es-

queceu-se de que havia um adversário forte do outro lado. Quem diz que o Brasil não é mais tão forte também reclama por não existir um atropelamento sobre a Alemanha na decisão. É uma contradição.

O Brasil vai atropelar quando juntar a habilidade que existe com o trabalho que não há. Michele trabalhou por 32 dias. Hrubesch não dirigiu um catado, porque conheceu todos os seus jogadores por três anos. Max Meyer, Brandt, Ginter e Horn estavam no torneio que classificou a Alemanha para o Rio, a Euro sub-21. Todos os outros participaram da preparação para o torneio classificatório.

O Brasil só venceu nos pênaltis o bom time da Alemanha porque contrapôs a habilidade à organização. Mas pode ter os dois,

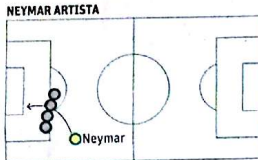
se trabalhar dois anos até a Copa do Mundo da Rússia.

E sempre terá Neymar. O craque comprometeu-se. Muito! Também entendeu que o caminho mais curto para ser eleito o melhor do mundo não é fazer acrobacias, mas ser campeão mundial pela seleção em 2018. Se conseguir isso, como protagonista, como foi na Olimpíada, será majestade para sempre.

No Rio, Neymar usou o Maracaná como seu palco. O ambiente do Maracaná desmente quem diz que há indiferença em relação à seleção. Fazer jornalismo e expor a verdade e isso exige sensibilidade para entender o que está diante dos olhos. O Maracaná expôs outra vez como o país não é indiferente à seleção brasileira. Neymar entendeu isso mais do que ninguém.



Três passes para gols: quase meia-armador



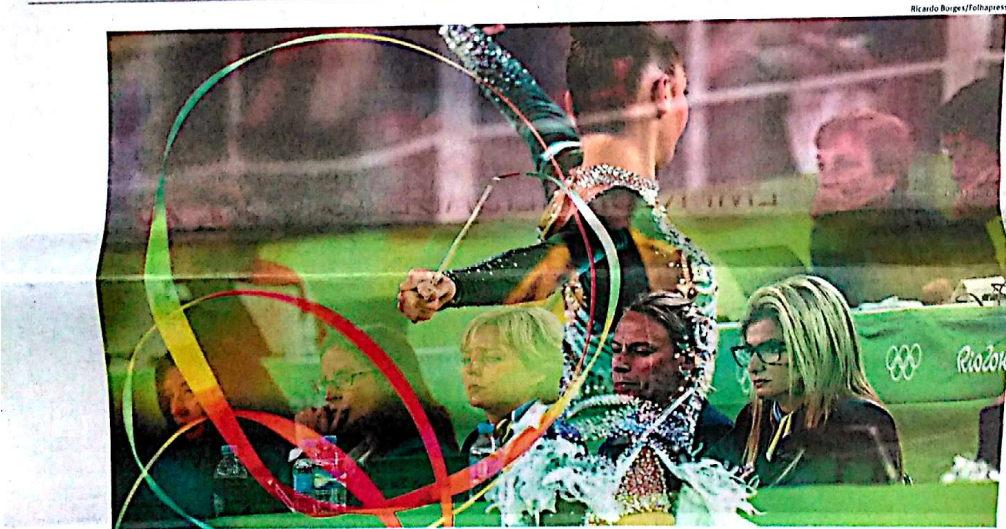
Gol para a antologia das faltas no Maracaná

VACILO

Dos dezolito pontos que disputou no Campeonato Brasileiro sem Gabriel Jesus, durante a Olimpíada, o Palmeiras só conquistou o título. Dos últimos quatro jogos em casa, só venceu um. O conforto do líder termina por causa dos vacilos dentro de casa.

QUASE

Ricardo Gomes reestrou contra o mesmo técnico e o mesmo rival que causaram sua saída em 2010: o Inter de Celso Roth. No retorno, teve menos posse de bola e esteve perto de vencer. Mas seu time comete muitos erros e mantém a herança de Bauza de não ganhar fora.



Ricardo Borges/Folhapress

Jurados trabalham na ginástica artística

LUÍZA FRANCO DO RIO MARIANA LAJOLO ENVIADA ESPECIAL AO RIO

"Não estou pronta para me tornar uma juíza. Até ontem estava competindo. Como posso agora julgar minhas colegas? Preciso de mais tempo, de mais distanciamento."

A frase da bielorrussa Ljubov Charkashyna, 28, bronze de ginástica rítmica em Londres-12 e atual treinadora da ginasta Melitina Staniouta, 22, diz muito sobre o papel da subjetividade na avaliação das atletas desse esporte que, como a ginástica artística e outros, baseia-se em notas de juízes para seus resultados.

A supervisora dos juízes de ginástica rítmica da Rio-2016, a canadense Slava Corn, faz neste ano sua última Olimpíada, após 24 no cargo. Assim como a ex-atleta bielorrussa, ela também admite que há subjetividade nas notas.

"É claro que o julgamento é, em parte, subjetivo, mas tentamos ser o mais objetivos possíveis. Há uma nota de conteúdo, para o grau de dificuldade do movimento. Essa nota se soma à de execução, que é bem objetiva — se a atleta não acerta a posição, não tem

margem para discussão. Não pode haver juízes do mesmo país que as atletas, o que torna o corpo de juízes neutro."

A Federação Internacional de Ginástica, que comanda as modalidades artística, rítmica e de trampolim, tem um sistema rígido e fechado para a formação de árbitros. A cada ciclo olímpico o código de pontuação muda, então os árbitros precisam passar por novos cursos. No Brasil, por exemplo, primeiro o árbitro aplica na federação do seu Estado, depois, sobe para o nível nacional, continental e intercontinental.

O período de formação varia. Mas pode levar, no mím-

ico, dois ciclos ou oito anos. Não é preciso ter uma formação específica para se tornar um juiz. Muitos são egressos da ginástica ou estudaram educação física.

É o caso do argentino Ariel Milanesio, 39, o único homem no corpo de jurados desse esporte em que só mulheres podem competir.

Ele começou a se envolver com a ginástica rítmica aos 18 anos para acompanhar sua irmã. Fez educação física, virou treinador de ginástica rítmica, deu aula em circos e passou pelos cursos de juiz.

Milanesio se irrita com as acusações de arbitrariedade nas notas. "Somos neutros.

Trabalhamos muito para virar juízes. Se erramos nas avaliações, somos punidos pela Federação. Ninguém quer isso. Mas erramos de vez em quando, somos humanos."

Yumi Yamamoto Sawasato, 65, brasileira que atuou nos Jogos do Rio, é ex-ginasta, professora e árbitra há quase 40 anos e diz que hoje é mais fácil se aprofundar.

"Quem não tem conhecimento nenhum vai demorar mais para aprender e crescer de nível", diz Yumi. "Mas hoje a tecnologia ajuda muito no estudo do árbitro. Ele pode ficar assistindo a vídeos de apresentações, verificar cada detalhe e se aperfeiçoar."

Os árbitros da ginástica estão em constante avaliação. Suas notas dadas durante a competição são sempre comparadas às dos demais jurados e às do comitê técnico da FIG. Se houver grandes discrepâncias, podem receber punições. Com base na avaliação é criado um ranking dos melhores treinadores.

SALTO

O salto ornamental também tem mecanismos para minimizar o efeito da subjetividade. Há sete juízes. Após o salto, as duas maiores e menores notas são desconsideradas. A partir das três restantes é feita uma média, e

essa serve de nota final. "Mesmo que os juízes estejam um do lado do outro, o ângulo de visão é diferente, e você tem segundos para avaliar cinco critérios: postura inicial, corrida, altura alcançada na saída, execução do salto e entrada na água", diz a árbitra brasileira Lorena Pereira, 34.

Para virar juiz de salto ornamental, é preciso fazer cursos e provas dos níveis estadual, nacional e internacional, este último oferecido pela Federação Internacional de Natação. A carteira deve ser renovada a cada dois anos.

"No treinamento para árbitro internacional você aprende detalhes para além das regras. Por exemplo, sabe-se que a entrada na água tem que ser na vertical. Num curso para juiz internacional você aprende o ângulo de entrada e quantos pontos deve tirar de cada", explica.

Para participar de uma Olimpíada, o árbitro tem que ser convidado pela FINA. Ao contrário da ginástica, é permitido que o juiz seja do mesmo país que um competidor. "O bom juiz não julga o atleta, mas sim o salto que acontece na sua frente", afirma Pereira.

os jurados

CONHEÇA QUEM DEFINE AS NOTAS NA GINÁSTICA E NOS SALTOS ORNAMENTAIS